


# ***TEXTO PARA DISCUSSÃO***



***Introdução ao Realismo Crítico e sua  
contribuição para a reafirmação da  
heterodoxia na teoria econômica***

***Wagner Leal Ariëti***

**N° 01/2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
Campus Universitário – Trindade  
CEP 88049-970 – Florianópolis – Santa Catarina  
Tel.: (48) 3721.9458 – Fax.: (48) 3721.9776**

# Introdução ao Realismo Crítico e sua contribuição para a reafirmação da heterodoxia na teoria econômica

Wagner Leal Arienti<sup>1</sup>

O artigo busca referências precisas para a ortodoxia e heterodoxia na teoria econômica. O Realismo Crítico propõe uma atenção para a ontologia e a adequação entre método e realismo das teorias. Ao seguir o Positivismo, as teorias ortodoxas adotam o realismo empirista e o método dedutivista. Este método é adequado a sistemas fechados. O CR propõe uma ontologia baseada no Realismo Transcendente de Bhaskar, no método de explicação retrodutivo e na contingência dos fenômenos econômicos. O CR propõe analisar a realidade econômica como um sistema aberto. Seguindo Lawson, as teorias heterodoxas devem ter como referência a ontologia de sistemas abertos.

Palavras-chave: heterodoxia, Realismo Crítico, ontologia, contingência, sistemas abertos.

Classificação JEL: B40

The paper aims to search for distinctions between orthodoxy and heterodoxy in economic theory. Critical Realism contends to a reorientation to ontology and to analysis of method and realism underlying theories. In accordance with Positivism, orthodoxy adopts empirical realism and deductivism. This method is adequate to analysis of closed system. CR defends an ontology based on Bhaskar's transcendental realism, method of retrodution and the analysis of economic phenomena as contingencies. CR proposal is to analyse economic reality as an open system.

Lawson argues for an ontology of open system as reference to heterodox theories.

Key words: Heterodoxy, Critical Realism, ontology, contingency, open system

JEL classification: B40

## I- Introdução:

A dicotomia ortodoxia e heterodoxia na teoria econômica precisa de referências para não ser uma mera oposição entre abordagens ou ainda entre a visão da maioria e da minoria. Ortodoxia, ou *mainstream*, e heterodoxia já são termos consagrados na designação e classificação de teorias econômicas. No entanto, as referências para esta classificação são ainda imprecisas. A pluralidade das teorias econômicas é uma riqueza da evolução da Economia como ciência social e da ampliação do seu objeto de estudo. Em breve revisão de abordagens ortodoxas e heterodoxas, a diversificação de objetos existe em ambas, havendo, por isso, acirrado debate em várias áreas da teoria econômica. Há muito tempo a ortodoxia ultrapassou a delimitação inicial dos primeiros neoclássicos em estudar a alocação de recursos e determinação de preços pelo mercado. Houve um imperialismo legítimo da ortodoxia que expandiu sua análise para várias áreas, mesmo aquelas inicialmente analisadas por teorias heterodoxas (Collander et al., 2004). Os livros-textos de macroeconomia são um bom exemplo para ilustrar a inicial predominância da heterodoxia keynesiana e a mudança para teorias novo-clássicas e neo-keynesianas, que podem ser, a grosso modo, identificadas como ortodoxas (Snowdon et al., 1994). Aceita esta diversidade tanto na ortodoxia e heterodoxia, pode-se afirmar de início que a classificação das teorias nesta dicotômica

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Artigo escrito no período de estágio de pós-doutorado no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

categoria não se deve à exclusividade de objeto de estudo.

A proposição normalmente seguida é a diferença metodológica entre ortodoxia e heterodoxia. O desapareço dos teóricos de Economia às questões metodológicas pode ter sido uma barreira para a Economia como ciência acompanhar a crítica ao positivismo científico que ocorria no debate filosófico. Nesta área, proposições pós-positivistas proliferaram e, por sua vez, serviram de guia para a crítica à metodologia positivista, para a distinção metodológica entre teorias e para afirmar uma base metodológica alternativa para algumas teorias. Apesar da resistência, as inovações filosóficas invadiram o espaço teórico da Economia e trouxeram novas questões e respostas para o debate, ainda que marginal, entre reafirmação do positivismo e instrumentalismo na ciência econômica, base metodológica do *mainstream*, de um lado, e as reorientações pós-positivistas, de outro lado (Backhouse, 1994; Hands, 2004). Uma questão inicial é se estas novas proposições podem dar base metodológica mais segura e uniforme para as teorias heterodoxas.

Dois novas proposições tiveram desenvolvimento e defensores interessados em sua aplicação na teoria econômica e, a partir dos anos 1980 e 1990, reorientaram o debate sobre método na Economia e, assim, criaram novas referências que podem ser úteis para a classificação ortodoxia e heterodoxia (Lewis, 2003).

A crítica pós-modernista à modernidade histórica e à filosofia positivista abriu várias correntes de crítica não só ao positivismo científico mas também à própria ciência e sua ambição de conhecimento demarcado e superior a outras formas de conhecimento. Nesta vertente pós-moderna, o caso mais profícuo para a Economia foi o deslocamento do foco de atenção de questões epistemológicas típicas do positivismo para a apresentação das teorias e sua forma de convencimento, o que dirigiu a discussão para a retórica das teorias. Dado o seu pioneirismo na Economia, os trabalhos de McCloskey (1983, 1985, 1994) são referência para esta nova orientação na análise das teorias.<sup>2</sup> Apesar da análise da retórica incentivar o debate educado entre as teorias, pouco acrescenta como referência para uma classificação e distinção mais rica entre ortodoxia e heterodoxia.

Outra reorientação filosófica pós-positivista com aplicação na Economia foi a crítica ao realismo pressuposto pelas teorias positivistas. Como veremos adiante, há a crítica ao empirismo realista típico do positivismo desde Hume e uma preocupação em revelar o realismo implicitamente adotado pelas teorias (Lawson, 1994; Mäki, 1994). Esta proposição filosófica não nega o realismo subjacente às ciências e suas teorias, pelo contrário, reivindica a centralidade da preocupação com a visão de realidade que as teorias pressupõem e, a partir daí, constroem sua explicação da realidade. Esta é reorientação dada pela ontologia, isto é, buscar explicitar a visão de mundo normalmente implícita nas teorias e compará-la com uma filosofia do realismo. A reorientação é uma nova proposição que desloca o debate sobre questões metodológicas nas teorias econômicas (Lawson, 2003, cap.2). Esta reorientação da epistemologia, típica da preocupação positivista, para a ontologia, típica dos assim chamados realistas, resultou, a grosso modo, em duas vertentes.

A primeira vertente tem a orientação metodológica de investigar a visão de mundo ou premissas ontológicas das teorias. Trata-se, portanto, de um novo campo de investigação e uma reorientação na análise metodológica pois busca, ao invés de preocupar-se com os possíveis esforços de falsificação ou corroboração de hipóteses, explicitar o realismo que está implícito nas premissas das teorias. Os trabalhos de Mäki (2000, 2002) são referências iniciais para esta vertente. As proposições desta vertente de investigação ontológica propõem uma preocupação mais descritiva do realismo das teorias (Hodge, 2008). Não propõem nenhuma referência para classificar as premissas ontológicas, apenas orientam que deve-se investigar o realismo das premissas. Apesar da inovação e de abrir um novo campo de discussão, não apresentam referências para uma possível distinção entre ortodoxia e heterodoxia.

A segunda vertente vai além da preocupação descritiva da ontologia implícita nas

---

<sup>2</sup> Artigos na literatura brasileira sobre McCloskey, ver Rego (org.) (1996).

premissas das teorias e tem a ambição de complementar a crítica ao realismo empirista do positivismo com um novo realismo, que deve guiar filosoficamente as ciências e teorias. Neste caso, a vertente se baseia na filosofia do Realismo Transcendente para ter parâmetros para analisar a visão de mundo das teorias a partir de uma visão filosoficamente orientada. Por isto, pode-se identificar o caráter normativo desta vertente pois propõe características da realidade social, ainda que em alto nível de abstração, que devem servir de orientação nas análises sobre a ontologia das teorias. O pioneirismo de Lawson (1997) em trazer as hipóteses do Realismo Transcendente de Roy Bhaskar (1978) e sua aplicação para as ciências sociais levou a consolidação da vertente contemporaneamente conhecida como Realismo Crítico (RC). Lawson (1994a; 1994b; 1997, cap.1; 2003, cap.1) utilizou a filosofia de Bhaskar para empreender uma crítica ao que ele identificou como os insucessos da ortodoxia da teoria econômica. Tal insatisfação levou às formulações iniciais do Realismo Crítico. Com isto, houve não só uma reorientação metodológica da análise das teorias econômicas, da epistemologia para a ontologia, mas também uma crítica ao realismo das ontologias das teorias ortodoxas. Por sua vez, Lawson (1997, cap.5, 6) defende abertamente uma ontologia que, por seu realismo filosoficamente instruído, deve orientar as teorias heterodoxas. Neste caso, temos novas referências para a classificação ortodoxia-heterodoxia.

O estudo da ontologia, existente nas proposições pioneiras tanto de Mäki quanto de Lawson, e a defesa de uma ontologia de sistemas abertos, existente no Realismo Crítico de Lawson e sua escola, reorientam a discussão metodológica das teorias econômicas para limites além do positivismo e seu instrumentalismo.<sup>3</sup> Nesta nova dimensão metodológica, isto é, na ontologia, este ensaio procurará elementos que possam trazer critérios mais precisos para a caracterização da ortodoxia e heterodoxia na teoria econômica. Uma apresentação das principais noções do Realismo Transcendente (seção II), do Realismo Crítico (seção III) e a defesa da ontologia de sistemas abertos como referência para uma nova noção de heterodoxia (seção IV) serão feitas neste ensaio, que tem o objetivo de introduzir e esclarecer pontos sobre o tema. A revisão dos principais pontos do Realismo Transcendente e Crítico pode ser justificada pelo reduzido debate na literatura brasileira sobre metodologia econômica e sobre este realismo.<sup>4</sup> Na última seção, será apresentado um resumo dos principais pontos e breve conclusão.

## **II- Realismo Transcendente:**

O realismo científico, como filosofia, é entendido, para fins deste ensaio, como o reconhecimento da existência de uma realidade intransitiva, que precede e é independente do conhecimento que se tem dela (Hodge, 2008). É também o reconhecimento que a realidade é inteligível e, por isso, o conhecimento e a ciência procuram explicá-la. A preocupação é como entender e explicar a realidade. Dado que trata-se de ramo da filosofia, e não de uma teoria, a preocupação é apresentar características e propriedades dos seres e das coisas que afirmem sua existência e permitam sua inteligibilidade. Ontologia é o estudo que se preocupa com estas questões de apresentação dos elementos básicos da realidade, portanto se preocupa com qual realismo está se adotando. Toda teoria científica tem um realismo a embasá-la. Por isso, a ciência deve se preocupar com a ontologia e não apenas com epistemologia. A reorientação para a ontologia é um alerta para que as teorias revelem qual a visão de realidade em que inserem seu objeto de estudo, isto é, qual o realismo adotado (Lawson, 2004). Realismo transcendente é uma proposição filosófica que apresenta a natureza da realidade de forma diferente do realismo empirista (Bhaskar, 1978). Por isto, uma breve comparação destes realismos pode ser esclarecedor.

---

<sup>3</sup> Ver Hodge (2008, p 187) : “In their analyses of the ontological presuppositions of economics, Mäki and Lawson have been leading contributors to the break up of the ‘Popperian dominance’ in the philosophy of economics.”

<sup>4</sup> Sobre a crítica ao Positivismo e a apresentação do Realismo Crítico na literatura brasileira deve-se fazer referência, respectivamente, a Duayer et al. (2001) e Vasconcellos et al. (1999).

A crítica realista ao positivismo centra-se na limitação do realismo empirista que, desde Hume, embasa ontologicamente a metodologia das teorias positivistas. Esta sequência de filosofia realista, definição do objeto da ciência, orientação da própria ciência e modo de explicação das teorias apresentam, como esperado, uma coerência que, caso seja alterada as orientações filosóficas iniciais, levará também a identificação de fragilidades nos demais passos. Neste sentido, a sequência coerente entre realismo empirista, regularidade de fenômenos, leis científicas ubíquas e dedutivismo, típicas do modelo nomológico-dedutivo, são questionados a partir de seu realismo (Lawson, 1994).

Bhaskar (1978) apresenta sua crítica ao positivismo ao questionar o modelo raso de realidade subjacente a esta visão de conhecimento e ciência. Da forma como as idéias de Hume foram interpretadas, a realidade inteligível é aquela percebida pelas experiências e impressões sensoriais. A realidade revela-se a partir de percepção empírica e o conhecimento deve ser construído sobre estas condições. O empírico pode nos revelar a ocorrência de eventos. A repetição destes eventos pode permitir também a percepção de correlações regulares entre eventos. Nesta linha, pode-se observar que dado a ocorrência de um evento X, outro evento Y também ocorre com regularidade. O realismo empirista procura a regularidade de fenômenos para, assim, erigir no positivismo sua explicação sobre a realidade.<sup>5</sup>

A ligação entre realismo empirista e positivismo, de acordo com Bhaskar (1978), está que a realidade deve ser explicada a partir das impressões das experiências e da constatação de regularidades entre eventos. Empirismo e regularidade de eventos, fenômenos e fatos permitem a construção de uma teoria do conhecimento baseada no modo de explicação eminentemente dedutivista. Dado a evidência empírica da regularidade dos eventos X e Y, pode-se inferir que feito a constatação do evento X, ocorrerá também o evento Y. Explicação e predição são simétricos pois o entendimento desta realidade baseia-se em leis que reproduzem a regularidade constatada e predizem sua repetição no futuro. Desta forma, o positivismo tem como ontologia um realismo empirista e como método um dedutivismo que estende a regularidade empírica para a formulação de leis universais e ubíquas (Lawson, 1997, cap.2; Lawson, 2001).

Qual o melhor ponto para questionar esta sequência lógica do realismo empirista à epistemologia positivista. Seguindo Bhaskar (1978) e Lawson (1997), há o questionamento sobre a relevância e raridade das regularidades dos eventos. A regularidade de eventos é encontrada raramente no mundo natural e, portanto, é uma restrita base empírica mesmo para as ciências naturais. A ciência não pode ficar restrita à Astronomia e à regularidade dos movimentos dos astros. A realidade a ser explicada não é apenas aquela que aparece empiricamente com identificação de regularidade, mas também, e de forma mais frequente, a variação de eventos e a mudança na realidade. A regularidade dos eventos não deve ser premissa necessária para se considerar a inteligibilidade da realidade. Há, assim, necessidade de um novo realismo para as teorias de conhecimento que procuram explicar também a variabilidade dos eventos. Entender os fatos como contingência, portanto diferente de regularidade, de um lado, mas também diferente de aleatoriedade e acaso, de outro lado, exige uma ontologia que dê conta em explicar esta nova forma de encarar a realidade<sup>6</sup>.

Neste sentido, é possível entender a preocupação de Bhaskar (1978) com um realismo mais complexo, além do empirismo, e da redução da inteligibilidade à fenômenos regulares. Há a

---

<sup>5</sup> Lawson (1997, cap. 2) apresenta esta crítica ao realismo empirista, seguindo Bhaskar (1978).

<sup>6</sup> Sobre o contingência, ver Jessop: “Against such approach, it must be stressed that theory is not concerned to produce ‘raw’ descriptions or genealogies, however detailed, of particular events – except as a very preliminary step in the movement from the ‘real-concrete’ to the ‘concrete-in-thought’. Nor is it interest in abstract speculation about the essence of politics of the priori class nature of the state. Instead it attempts to explain the ‘contingent necessity’ of specific conjunctures and their outcomes in terms of their various determinants. The concept of ‘contingent necessity’ with its apparent *contradictio in adjecto* highlights the fact that, while the combination or interaction of different causal chain produces a determine outcome (necessity), there is no single theory that can predict or determine the manner in which such causal chain converge and/or interact (contingency)”. (Jessop, 1982, p.212).

proposição de três domínios ou dimensões da realidade. A primeira dimensão é empírica, ligada a percepção sensorial dos fenômenos. No entanto, a realidade não se resume ao percebido, pois outras instâncias são necessárias e atuantes para que o fenômeno seja experimentado e percebido. A segunda dimensão é o realizado (*actual*, na versão original no idioma inglês), é o *locus* dos eventos, estado de coisas, fenômenos e fatos, que são resultado de causas emergentes. De um lado, deve-se reconhecer a inteligibilidade dos resultados, de outro, sua não transparência. O resultado se revela nesta dimensão, mas suas causas devem ser buscadas em outra. A terceira dimensão é a real, *locus* de forças que podem vir a propiciar as causas dos eventos, apesar de sua existência ser latente ou potencial, pois depende de mecanismo e condições para sua operação. De acordo com o realismo de Bhaskar, a realidade é complexa, em termos de pluralidade de causas, e estruturada, em termos das dimensões e de suas propriedades diferenciadas (o que Lawson (1997, cap.3) denomina de não-isomorfismo ou irredutibilidade das dimensões). Tal complexidade merece maiores explicações, ainda que breves.<sup>7</sup>

O mesmo fenômeno pode ser visto de forma diferente pelo espectador. Por isto que a dimensão empírica é insuficiente para a caracterização de um fenômeno e para sua explicação, dado que a realidade é real (no sentido de causada por forças emergentes da dimensão real) e única (no sentido de síntese de várias causas que produzem um dado resultado na dimensão realizada), apesar das várias percepções. O Realismo Transcendente, como uma filosofia realista, coloca a realidade como existente e, portanto, independente e irredutível às percepções, interpretações, interesses e conhecimento. Aceita-se, de um lado, a realidade como intransitiva mas inteligível, e, de outro lado, o conhecimento, que busca dar conta desta realidade, como transitivo, dependente de vários fatores, como visão de mundo, conhecimento prévio, interesses e vontade de produzir novo conhecimento e, por todas estas razões, falível

A dimensão realizada é a aceitação de que eventos, fenômenos, fatos e estado de coisas são resultado de um complexo de causas que não são diretamente explicados pela dimensão empírica, nem pela observação da dimensão realizada. Assim como Marx observou nos *Grundrisse* que o concreto é a síntese de múltiplas causas, o Realismo Transcendente coloca que a dimensão realizada é resultado de forças tendenciais que não estão transparentes na própria dimensão e devem ser buscadas no real, isto é, a dimensão onde as causas se originam. Mas é na dimensão realizada que as tendências se encontram para determinar o resultado. Como veremos adiante, dado que estas tendências não se combinam de forma fixa e constante, o resultado é contingente. A convergência de tendências pode levar o reforço de algumas em uma dada direção, mas também pode haver o encontro com contra-tendências e anulação de forças. Nesta dimensão é que podemos definir os eventos como contingentes.

A dimensão real é o *locus* das estruturas que com suas forças inerentes podem influenciar os eventos na dimensão realizada. As causas dos eventos emergem nesta dimensão real. No entanto, esta transformação de potencialidade em causa dos fenômenos realizados depende de ações ocorridas nesta dimensão real. Isto porque estruturas têm forças, ainda que latentes e potenciais, para imprimir ações que podem produzir fenômenos. Para que estruturas transformem seu potencial em forças, ou como prefere Lawson (1997, cap.5) em tendências, pode haver a necessidade de mecanismos iniciadores e detonadores. Estas tendências, quando combinadas, são as causas emergentes dos eventos e fenômenos. O caráter transcendente desta dimensão real está tanto na potencialidade das forças estruturais, que podem entrar em operação ou não, quanto na transfactualidade das tendências, pois as forças podem se transformar em tendências mas dado a combinação com outras tendências estruturais pode haver redução e anulação de sua influência na causação do evento (Lawson, cap.3,4,5e 6).

Sejam naturais ou sociais, as forças que, quando operacionalizadas, levam a tendências e influências sobre fatos são fruto de estruturas. Por estruturas podemos entender como complexo organizado com capacidade, habilidade ou potência para produzir forças e ações. Seu

---

<sup>7</sup> Para uma explicação didática, ver Fleetwood (2002).

funcionamento, principalmente no caso de estruturas sociais, não é necessariamente automático, dependendo de mecanismo, condições e relações para operacionalizar e direcionar suas forças. Como exemplo podemos dar desde a bicicleta, que com sua mecânica simples pode nos dar mais velocidade, à linguagem que nos permite a comunicação, até o sistema monetário e financeiro que pode facilitar crescimento econômico ou inflação. Por serem reais e inteligíveis, estas estruturas devem ser explicadas sobre sua origem e desenvolvimento, de um lado, e sobre seu potencial e mecanismos de ação, de outro lado. Mas isto cabe às teorias. Por ora, para o Realismo Transcendente, o reconhecimento de estruturas, na dimensão real, nos permite afirmar que forças potencias podem ser operacionalizadas e, agora como tendências, podem ser causas emergentes de eventos, que se revelam na dimensão realizada.

A complexidade da dimensão real está, em primeiro lugar, em reconhecer a multiplicidade de estruturas e forças. Em segundo lugar, as estruturas como objeto de estudo são complexas *per se*, no sentido de que seu potencial de forças depende de suas propriedades, seja dado pela natureza ou construída pela história, e a efetivação de forças depende de condições, mecanismos e de relação com agentes, como no caso de estruturas sociais. Em terceiro lugar, a interação entre estruturas pode intensificar, contra-balançar, aumentar, reduzir ou neutralizar forças. Mais apropriado seria afirmar que estruturas têm forças que podem vir a gerar tendências que, por sua vez, podem ser realizadas ou não, dependendo dos mecanismos e condições para operação, da relação agente-estrutura e da interação das estruturas, o que não anula a potência das estruturas mas pode vir a neutralizar seus efeitos sobre a dimensão realizada e empírica, onde os resultados são observados. Neste sentido, as forças na dimensão real são transfactuais pois existem mesmo quando não tem influência ou não são causa de determinado fato ou fenômeno.<sup>8</sup>

Exemplos podem vir a ajudar na explicação e ilustrar o realismo formalizado por Bhaskar. Começamos pelo exemplo tradicional e repetido na literatura, a folha da árvore que flutua em ventania no outono. Percebe-se que a folha flutua, e isto pode ser belo para um poeta ou desinteressante para um transeunte de casaco e cachecol. O fato é percebido diferentemente pelos dois observadores que podem apenas observar ou querer explicar a trajetória da folha. Podemos identificar regularidades pois a folha cai da árvore no outono e flutua com o vento. Mas podemos dizer que sua trajetória é única, com influência do tempo e do local, entre outras forças e condições. Entre as forças atuantes está a sempre presente gravidade, mas parcialmente neutralizada pela força aerodinâmica do vento. Portanto, forças biológicas do ciclo de vida da árvore e da folha, forças físicas de Newton e da aerodinâmica estão combinadas para influenciar na flutuação da folha em sua trajetória única e contingente.

Dado que o Realismo Transcendente tem ambição de explicar tanto a realidade natural, quanto a realidade social, é importante também apresentar exemplos do mundo social. As estruturas típicas capitalistas estão em várias formações sociais nacionais. Pode-se, por consequência, encontrar nas formações sociais estruturas tipicamente capitalista como as empresas produtoras de mercadorias, os mercados, os sindicatos e organizações patronais, a moeda e o sistema financeiro. As economias nacionais com tais estruturas capitalistas têm fenômenos como crescimento e desenvolvimento, flutuações cíclicas, greves e aumentos salariais, deflação e inflação. No caso da inflação, a percepção da elevação generalizada de preços, o que é evidenciado por vários índices de preço, permite identificá-la como fenômeno econômico, mas não permite identificar suas causas. Este fenômeno pode ocorrer de forma diferenciada nas economias nacionais. Encarar o fenômeno inflacionário como algo contingente é também aceitar o complexo de tendências que podem se combinar para explicar a inflação em dado período e em dado contexto social. Há tendências que são fruto da existência e operação de estruturas típicas de uma economia monetária, como a expansão da oferta monetária, como há também tendências que se realizam pela formação de estruturas típicas da formação social, como o caso da generalização da indexação na economia brasileira nos anos 1980 e 1990. A inflação brasileira destes anos foi,

---

<sup>8</sup> Além de Lawson (1997), ver também, para uma explicação mais didática, Lawson (1998) e Lewis (2004).

resumidamente, causada por múltiplos fatores como excesso de moeda, pressão do preço das commodities, pressão dos trabalhadores por aumentos nominais de salários e a disseminação de mecanismos de indexação. Houve causas que emergiram das estruturas tipicamente capitalistas, assim como causas de estruturas típicas da economia brasileira em dado período.

O Realismo Transcendente de Bhaskar não precisa das regularidades dos eventos do realismo empirista para desenvolver uma teoria do conhecimento e da ciência. Primeiro, as correlações regulares são raras no mundo natural e social. Segundo, e mais importante, a inteligibilidade da realidade não depende das possíveis correlações regulares mas, sim, pela identificação de causas que emergem de forças estruturais existentes na dimensão real, que geram tendências que se combinam e produzem resultados na dimensão realizada e são percebidos na dimensão empírica. As regularidades são raras mas, mais importante, não são necessárias para o desenvolvimento da ciência, pois esta deve estar preocupada em explicar as causas emergentes dos fenômenos e em iluminar as estruturas e suas forças, cuja existência transcende a sua operacionalização e possíveis resultados. O fato ou fenômeno percebido seja na dimensão empírica, seja na dimensão realizada, deve ser explicado como um evento causado por elementos existentes na dimensão real na topografia tri-partida do realismo de Bhaskar. O caráter transcendente do realismo está na oposição e rejeição da exclusividade da dimensão empírica, como no realismo empirista que embasa o positivismo.

A afirmação do caráter contingente dos eventos realizados, em oposição a necessidade de regularidade, não extingue o valor de experiências para o avanço do conhecimento. No entanto, a caracterização de uma experiência e sua repetição está em isolar fatores e limitar ou fixar condições para, a partir da regularidade de resultados, poder identificar tendências que podem explicar as causas e resultados. O objetivo da experiência não é reproduzir a totalidade dos fatores imperantes na realidade mas, ao contrário, insular uma dada realidade de forma a permitir a força e ação mais livre de determinadas estruturas. Deste modo insulado, pode identificar a ação de estruturas e mecanismos isolados de demais estruturas, que poderiam agir como contra-tendências, por exemplo. Identifica-se, assim, as estruturas, seus mecanismos e condições de atuação. Como no primeiro exemplo, a lei da gravidade atua constantemente não só em experiências, mas também na realidade do outono. A flutuação da folha da árvore não anula a lei da gravidade, como é sabido, mas coloca a força da massa da Terra em ação não isolada, pois está em interação com outras forças naturais como o vento. Explicar, portanto, o caráter contingente da trajetória da folha da árvore não significa nem implica o não reconhecimento da permanente atuação de forças estruturais. Exatamente porque as leis naturais e sociais não estão isoladas mas atuantes em um sistema com múltiplas estruturas e com forças em interação, e dado que a combinação das estruturas não são fixas, constante e regulares como intencionalmente são nas experiências, que a realidade não aparece como eventos com correlação ou sequência regulares. Podemos dizer que o movimento dos astros, devido a grandeza das massas que geram força, são a exceção ao promover o caráter fechado e regular do sistema mais amplo possível.<sup>9</sup>

O último ataque à sequência positivista, baseada no empirismo, na regularidade de eventos e na dedução lógica advinda da correlação regular, concentra-se em desmitificar a força do método de explicação dedutivista. Ora, caso encare-se a realidade com a preocupação de identificar correlações do tipo se ocorrer evento X, verifica-se a ocorrência do evento Y, logicamente há a dedução de que dado o evento X também ocorrerá o evento Y. Ou mesmo pode-se lançar a hipótese de que o evento X é a causa do evento Y. Pode-se também fazer a previsão de que dado o evento X, ocorrerá o evento Y. Nesta realidade simples, explicação e dedução são simétricas. No entanto, o dedutivismo perde poder explicativo quando tenta-se o exercício de dedução em uma realidade mais complexa. Dado o evento X, ocorrerá o evento Y, mas sob certas condições. Em outras condições e circunstâncias, o evento X pode ser paralelo ao evento Z, que é diferente ou mesmo antinômico ao evento Y esperado por dedução precipitada. Portanto, podemos

---

<sup>9</sup> Sobre o significado de experimentos no Realismo Transcendente, ver Lawson (2008).



deduzir a sequência evento X e evento Y apenas em um sistema fechado que preserve condições que garantam a regularidade dos eventos. Seja a indução, do particular para o geral, seja a dedução, do geral para o particular, só se sustentam em sistemas fechados com regularidade dos eventos.

O Realismo Transcendente propõe como modo de explicação a retrodução, em alternativa e oposição à indução e dedução, normalmente mais conhecidas (Lawson 1997; 2003). Dado a visão topográfica da realidade, as dimensões empírica e realizada permitem a identificação e caracterização de fenômenos da realidade. O conhecimento, em geral, e a ciência, em termos mais particulares e com maior precisão, pretendem explicar as causas dos fenômenos reais, sejam estes regulares ou não. Com este objetivo, deve-se fazer o movimento retrodutivo, que se caracteriza por buscar na dimensão real as estruturas, forças, mecanismos e tendências que, por sua vez, se combinam e se sobre-determinam e causam os fenômenos tal qual realizado e empiricamente percebidos. Retrodução significa identificar as estruturas que potencialmente geram forças relevantes para influenciar fatos e fenômenos e discernir as tendências que se combinam e se efetivam (ou em alguns casos, se anulam) para, em última instância, causar o realizado. Dado que a dimensão real é formada por múltiplas estruturas, que a dimensão realizada é o *locus* das combinações estruturais, a ciência e teorias devem estar preocupadas não em prever, pois em um mundo não dominado por eventos regulares isto é impossível, mas em explicar as estruturas, forças e tendências que possam vir a contribuir para determinado resultado. Explica-se tendências e propensões frente às forças atuantes, mas não se pode prever resultados. As teorias servem para iluminar a existência destas estruturas e forças, mas não é possível explicar *a priori* o resultado das tendências. A explicação final da contingência do fato cabe à análise, ainda que orientada por teorias. De forma diferente do positivismo, não há uma simetria entre explicação e predição, na verdade não é possível predição. Por isto, pode-se dizer que o Realismo Transcendente permite que teorias sejam feitas para explicação de um sistema aberto em que não há regularidade de resultados, ou colocado de outra forma, a teoria deve ser formulada ciente de sua incapacidade de prever.

A antinomia entre sistemas abertos e fechados é mais um argumento para reorientar a discussão da epistemologia, dominada pelo positivismo, para a ontologia, como proposto pelos filósofos realistas. A regularidade dos eventos e o poder explicativo do método dedutivo só se impõem na realidade de um sistema fechado. A caracterização de um sistema fechado exige o atomismo, como condição intrínseca, que considera as estruturas com padrões regulares de comportamento e, como condição extrínseca, o isolamento de estruturas e a combinação fixa e regular de suas forças como causa relevante dos fenômenos. Como vimos, o Realismo Transcendente não precisa de sistemas fechados para permitir uma teoria do conhecimento. Isto porque o conhecimento, por meio de método retrodutivo, é a busca de identificar estruturas, suas forças potenciais, mecanismos que as coloquem em operação e suas tendências. O resultado dependerá da interação destas tendências, que podem ser reforçadas ou mesmo anuladas dependendo aí de novos fatores e condições atuando na dimensão realizada. O resultado não está, pois, pré-determinado pelas estruturas, suas forças e tendências. Apenas na dimensão realizada é que o resultado contingente é determinado. Um sistema aberto não significa gerador de caos mas sim gerador de contingências. O Realismo Transcendente é a base filosófica para se entender a realidade como um sistema aberto, inteligível e gerador de fatos contingentes.

O Realismo Transcendente é a referência para Lawson (1997) desenvolver mais especificamente sua crítica ao *mainstream* da teoria econômica na formulação do Realismo Crítico.

### III- Realismo Crítico:

A reorientação da epistemologia para a ontologia não descuida das preocupações com a metodologia, pelo contrário impõe uma atenção e uma vinculação entre estes aspectos da

construção teórica. Qual o método recomendado pelo Realismo Transcendente? A escolha do método depende de sua adequação ao do objeto de estudo. O melhor método a ser aplicado depende da caracterização da realidade e da inserção do objeto de estudo nesta realidade. Portanto, a discussão da ontologia precede a discussão e escolha do método, não exclui mas sim reforça e dá novas bases para a escolha do método adequado.<sup>10</sup>

Após a apresentação do Realismo Transcendente fica mais claro entender a reorientação para ontologia na análise das teorias. Os pressupostos em teorias e modelos são sempre simplificadores de uma dada realidade, apenas neste sentido são irrealistas (Mäki, 1994). No entanto, o problema não está na simplificação sempre esperada dos pressupostos mas sim sua ontologia (ou falta de preocupação com o ontologia). Axiomas e pressupostos estão baseados em uma visão de mundo, em um contexto de funcionamento da realidade, cujo realismo deve ser investigado. No caso de uma ontologia baseada no Realismo Transcendente, deve haver justificativas para a escolha de algumas estruturas como as mais relevantes para a investigação, mas isto não deve implicar em entender estas estruturas como separadas de outras, lançando-se mão de pressupostos atomistas e isolacionistas, como veremos.

Qual o possível impacto de se adotar o Realismo Transcendente e a reorientação para a ontologia nas ciências sociais e, mais especificamente, para a ciência econômica? Após a crítica de Bhaskar (1978, 1979) à visão empirista do naturalismo, houve a adoção do termo Realismo Crítico para análises ontológicas das ciências naturais e sociais a partir da filosofia do Realismo Transcendente. No caso das ciências sociais, o livro *Economics and Reality* de Lawson (1997) foi uma defesa da aplicação do Realismo Transcendente para análise das teorias econômicas. O próprio Lawson não se contenta com a terminologia de Realismo Crítico, mas mantém sua adoção. Para fins deste ensaio, a distinção é útil pois separa filosofia realista de Bhaskar que, como vimos, propõe uma nova visão da realidade para orientar o conhecimento e a ciência, de um lado, da preocupação de Lawson de reorientar a investigação das teorias econômicas para ontologia e de propor uma teoria da realidade social como um sistema aberto, que é o Realismo Crítico (Lawson, 1997, cap.12; Lawson,2003,cap.2) . Pode-se dizer que a filosofia do Realismo Transcendente de Bhaskar ilumina a teoria da realidade social de Lawson, que é um exercício de ontologia.

Lawson (1997, cap.8; 2003, cap. 1) realizou sua crítica ao *mainstream* da teoria econômica, a qual julgou em crise, ao identificar que os problemas teóricos e analíticos de insucesso de suas predições e análises eram derivados do método utilizado que, por sua vez, era inadequado ao objeto de estudo caro às ciências sociais. Ora, como veremos, o que caracteriza o *mainstream* ou ortodoxia econômica é muito mais do que sua herança neoclássica mas a crença entre os ortodoxos de que o vigor da ciência econômica depende do rigor de seu método e sua aproximação às ciências naturais. O que dá identidade e unidade ao *mainstream* da teoria econômico é a adoção de modelos matemáticos baseados no método dedutivo. Mais uma vez, o problema não é adoção de modelos, afinal todo modelo é simplificador. Mas o problema identificado por Lawson está no realismo adotado implicitamente e na falta de preocupação em explicitá-los. Por isso que a reorientação da ontologia, como estudo da visão de realidade que embasa as teorias, pode revelar um dado realismo adotado pela teoria que deve ser comparado com outras visões sobre a realidade social. Nesta comparação, pode-se utilizar um realismo instruído filosófica e teoricamente, por isso a referência ao Realismo Transcendente e ao Realismo

---

10

“At the core of critical realism as presented by Lawson (1997, 2003) is a very simple message: the nature of objects of study bears upon the ways in which they can be investigated. As a result, specific methods are appropriate to the analysis only of certain sorts of objects. It is an error to universalise any specific mode of explanation *a priori*. *The selection of a method implicitly presupposes a theory of knowledge, or epistemology—a theory to the effect that this method is appropriate to illuminate the object of study.* In turn, as this very formulation suggests, a theory of knowledge presupposes an ontology, i.e. a theory of the nature, constitution and structure of the objects of study. To use any method, then, is to presuppose a particular world view. If a method is selected *a priori*, independently of sustained reflection on the nature of things, similarities between this world view and the existing, or even a possible, world can arise only as a result of a lucky accident.” (Moura & Martins, 2008 p.204).

Crítico. O problema não está no irrealismo dos axiomas, pressupostos e hipóteses, como no positivismo instrumentalista do clássico artigo de Friedman (1953), mas, pelo contrário, no realismo implícito das teorias do *mainstream*, que é um realismo empirista (Lawson, 2001).

Lawson identifica em sua crítica que a sofisticação dos modelos teóricos está baseada na identificação de correlações regulares e, em seguida, a teoria adota o método dedutivo para lançar a hipótese que dado a regularidade entre "X" e "Y" pode-se afirmar que caso ocorra "X" ocorrerá também "Y". O mesmo método pode ser aplicado para regularidades probabilísticas, ou seja, pode ocorrer "Y1", "Y2", "Y3" ... "Y6", desde que finito. Teoria e predição são simétricos, cabe testar as hipóteses do modelo. Ao identificar o método dedutivo do *mainstream*, Lawson incide uma crítica a ontologia destes modelos, isto porque o problema não está no método dedutivo *per se*, mas sua inadequação à realidade do mundo social (Lawson, 1997, cap.8 e 9). Para sustentar a crítica, o Realismo Crítico precisa dar alguns passos, primeiro, defender a reorientação para a ontologia, segundo, elaborar uma teoria ontológica que se preocupa em prescrever um realismo para as ciências sociais e econômicas. A primeira é mais fácil do que a segunda, por isso o Realismo Crítico ainda está em desenvolvimento.

A negligência com a ontologia é sintomático na ortodoxia econômica pois revela uma adoção sem grandes questionamentos do empirismo positivista e do dedutivismo embutidos nos modelos matemáticos. Como apresentado na seção anterior, o dedutivismo baseia-se em um realismo empirista e em retratar a realidade como uma série de sistemas fechados que permitem a separação de objetos de estudos, sua investigação em ciências departamentalizadas e em modelos formalísticos. O *mainstream* da ciência econômica está baseado em uma ontologia de sistema fechado. Entender e criticar esta ontologia é o primeiro passo da crítica do Realismo Crítico, a caracterização de sistemas abertos e a proposição de uma teoria da realidade social como sistema aberto é o segundo. Mais uma vez, o primeiro passo é mais fácil do que o segundo.<sup>11</sup>

De acordo com Lawson (1997, cap 8), os sistemas fechados se caracterizam por adoção de condições intrínsecas e extrínsecas. Como vimos na seção II, a condição intrínseca é aquela que garante o atomismo, isto é, identificar determinado elemento, seja átomo, seja estrutura, por manter suas propriedades e regularidade de funcionamento em quaisquer condições. O problema ontológico está em identificar estruturas e instituições sociais tais quais elementos da química, como o átomo, para garantir um padrão de comportamento estável a partir de suas propriedades. A questão que se coloca é se as estruturas sociais têm as características e regularidade dos átomos. O foco da questão deve ser para as propriedades das estruturas sociais. Por considerar que tais estruturas estão na dimensão real, suas propriedades são inerentes a esta dimensão do Realismo Transcendente. As estruturas têm potencial de forças e capacidade de influenciar eventos e podem ser as causas emergentes dos fatos. No entanto, esta propriedade de autonomia das estruturas, com identificação de suas forças potenciais, não pode ser encarada como garantia de regularidade de seu comportamento. No caso da realidade social, as estruturas não funcionam sozinhas e, portanto, suas forças não são automaticamente operacionalizadas mas dependem da relação entre estrutura e agentes. Autonomia não pode ser confundida como atomismo, principalmente no caso das estruturas sociais.

A segunda condição dos sistemas fechados é a possibilidade de isolamento dos elementos e variáveis que produzem resultados regulares. Nesta ontologia, cabe ao investigador identificar a regularidade das variáveis, estabelecer as relações fixas entre elas e isolá-las frente as demais variáveis em que não se identifica nenhum padrão regular. O modelo, portanto, identifica as variáveis relevantes, estabelece suas relações estáveis, direciona sua causalidade (variáveis independentes) e resultados regulares e esperados (variáveis dependentes). Há, assim, a identificação de variáveis endógenas (dependentes e independentes, conforme a causalidade) que por sua regularidade podem ser incluídas no modelo e, de outro lado, variáveis exógenas que não são incluídas no modelo por falta de identificação de um padrão estável na relação com variáveis

---

<sup>11</sup> Para uma boa apresentação e revisão, ver Bigo (2006).

endógenas (Lawson, 1997, cap.7).

Para criticar a necessidade destas condições intrínsecas e extrínsecas para a formalização de teorias deve-se questionar se a possibilidade de explicação está intrinsecamente ligada a ocorrência de regularidade no comportamento das variáveis (no caso do atomismo) e da articulação fixa entre elas (no caso do isolacionismo). Caso se considere que só é possível fazer ciência com a identificação de padrões regulares de articulação de variáveis, estamos no mundo dos sistemas fechados, justificado pelo realismo empirista. De forma diferente, como propõe o Realismo Transcendente, forças estruturais podem vir a ser tendências que, dependendo dos mecanismos em atuação e da articulação com demais tendências, influenciam os resultados e podem ser identificadas como causas. No entanto, as forças estruturais dependem de mecanismos para a sua efetivação e as articulações com as demais estruturas também não são fixas. Mesmo com a identificação de estruturas, suas propriedades, mecanismos de ação e formas de relacionamento com demais estruturas, o que pode ser feito por teorias, deve haver o cuidado de explicar sua influência como tendências e não como causas ou determinações. Em outras palavras, o sistema fechado exige a operação regular das forças das estruturas, o que é garantido pela condição atomista, e combinações fixas entre estruturas, o que é deve ser garantido pelo isolamento das variáveis e por seu relacionamento fixo e estável, e, por isso, admite a regularidade de seus resultados. A crítica do Realismo Crítico inicia-se empiricamente pela constatação da raridade na ocorrência de resultados regulares e tem como centro de seu ataque a ontologia dos sistemas fechados baseado no atomismo e isolacionismo.

Lawson (1997, cap.9, 12) desenvolve seu Realismo Crítico aplicado às ciências sociais a partir da distinção destas em relação as ciências naturais, apesar de reafirmar o significado do Realismo Transcendente para as duas grandes áreas da ciência. O caráter social dos objetos de estudo típicos das ciências sociais deve-se ao funcionamento das estruturas que depende, para a transformação de suas forças potenciais em ações direcionadas, da relação com os agentes sociais. A relação agente-estrutura se torna central na ontologia das teorias sociais. O Realismo Crítico buscou superar as críticas e não cair no mesmo extremismo das abordagens que dão prevalência a um dos dois pólos, isto é, das determinações fixas das estruturas sem espaço para as ações dos agentes sociais, como no estruturalismo, de um lado, e da politização extremada que acredita na vontade política movendo estruturas, como no voluntarismo, de outro lado, tão comuns às teorias sociais. A ontologia prescritiva do Realismo Crítico baseia-se na formulação, do assim chamado por Lawson (1997, cap. 5), modelo de transformação da atividade social. Ainda que simplista e embrionário, este modelo coloca no centro do realismo a relação agente-estrutura.

Na apresentação deste modelo, o Realismo Crítico é um campo profícuo tanto para novas formulações e desenvolvimento, quanto para críticas. Neste modelo, há a afirmação, típica de qualquer teoria realista, da precedência e irredutibilidade das estruturas em relação às ações dos indivíduos, grupos e classes sociais. Os agentes sociais se deparam com as estruturas já existentes e, a partir do conhecimento delas, não importa se correto ou não, formulam suas estratégias de ação para sua relação com as estruturas. A afirmação da dimensão real das estruturas, de sua construção no passado, de sua existência no presente e influência sobre o futuro não implica necessariamente na sua reprodução constante e em sua operação fixamente direcionada. A ação das estruturas não é resultado da simples existência e permanência das estruturas na dimensão real, mas sobretudo resultado da relação agente-estrutura como mecanismo que operacionaliza e direciona as forças estruturais para ações e tendências. De outra forma, a transformação das estruturas não se realiza apenas pela ação voluntarista dos agentes mas pelos limites abertos pelas estruturas existentes para operacionalizar e direcionar suas forças por novos caminhos e influenciar a realidade de outra forma. A possibilidade de transformação está dada tanto pela ação dos agentes sobre estruturas existentes, quanto pelos limites impostos por estas.

Neste modelo de relação agente-estrutura, Lawson (1994; 1997, cap. 5; 2003, cap.2) quer se separar tanto do estruturalismo e do voluntarismo quanto da otimização de um só resultado.

Para manter sua crítica à ortodoxia, Lawson está mais preocupado em estabelecer uma alternativa a aparente liberdade de decisão do indivíduo econômico que deve decidir sempre sobre um único e ótimo resultado. Ressaltar a intencionalidade da decisão como característica do mundo social e a liberdade de ação frente a existência de estruturas significa afirmar as alternativas abertas quando da decisão do indivíduo. A intencionalidade de ação e a racionalidade das decisões ocorrem em um sistema aberto em que alguns resultados são possíveis e esperados, ainda que não necessariamente realizados pois dependem de outros fatores. Portanto, um sistema aberto se caracteriza inicialmente pela liberdade dos agentes em escolher caminhos alternativos e possibilidade de direcionar as estruturas existentes para resultados, ainda que limitados, alternativos. Liberdade de escolha, decisão e ação dos agentes racionais deve significar alternativa de resultados esperados, caso contrário o modelo está em sistema fechado com apenas uma solução, mesmo que otimizadora.

Isto não significa que o Realismo Crítico e seu modelo não admitam a reprodução de estruturas e regularidade de alguns eventos. Se há regularidade é porque há a manutenção da mesma ação intencional frente as mesmas estruturas, por exemplo, domingo mantém-se como *deus dominicu* e dia de não trabalho não pela rigidez das estruturas mas pela relação intencionalmente constante dos agentes sobre as estruturas. A tradição não se mantém pelo automatismo das estruturas, mas pela ação intencional dos agentes de manter as estruturas na mesma direção. Se a regularidade de eventos é rara nos mais relevantes fatos sociais é porque os agentes consideram que pode haver novas direções frente as estruturas existentes ou mesmo pode haver a revolução das estruturas e criação de novas estruturas mais permeáveis aos interesses dominantes e mais apropriada para os resultados almejados.

A possibilidade de mudança não está apenas em variáveis exógenas ao modelo, como esperado em modelos de sistema fechado. A prescrição de um modelo de transformação da atividade social pelo Realismo Crítico busca, como vimos, centrar a análise da dinâmica social na relação agente-estrutura ao permitir várias possibilidades *a priori* e resultados contingentes *a posteriori* no interior desta relação. Portanto, a não-regularidade dos eventos está nas próprias variáveis endógenas do modelo e não nas alterações de variáveis exógenas. Não há também a expectativa de continuar em modelo fechado agregando mais variáveis, como nas recomendações de "try harder" do *mainstream* de sofisticar e ampliar, em termos de variáveis, seus modelos. O que dá ao Realismo Crítico uma inovação como prescrição para orientar teorias é aceitar, *a priori*, as múltiplas possibilidades na relação agente-estrutura, o que caracteriza uma ontologia de sistema aberto. Lawson defende que a abertura destas possibilidades é um requisito necessário para aceitarmos uma verdadeira escolha e liberdade para os indivíduos e agentes sociais. Abre também caminho para que tempo e espaço afetem a relação e as opções de ações sobre as estruturas e suas reações. Todo *insight* sobre as motivações, interesses e estratégias que levam a mudanças na relação agente-estrutura é uma contribuição para reforçar o argumento do Realismo Crítico por uma ontologia que explique a dinâmica da realidade com alternativas de escolhas.

Cabe, de um lado, à ontologia de sistemas abertos trabalhar com uma visão de mundo que possibilite caminhos alternativos frente a liberdade de escolha na relação estrutura-agente e, de outro lado, abrir espaço para que, no nível teórico e analítico, possa se explicar o resultado contingente dado pela convergência de tendências. O Realismo Crítico dá um respaldo ontológico a teorias e análises. Pode-se dizer que cabe à ontologia desenhar um sistema aberto, à teoria explicar a relação estrutura-agente e indicar suas tendências e à análise explicar os resultados contingentes frente as alternativas. A ontologia de sistemas abertos permite que as teorias sejam não determinísticas de resultados, mas explicativas de relações, as análises sim que devem lidar com a contingência dos resultados (Rotheim, 1999).

Na versão de Lawson (1997, cap.12; 2003, cap.2), o Realismo Crítico reconhece mas pouco explica outro grande fator de variabilidade (ou não-regularidade) do realizado, que é, além das múltiplas alternativas da relação interna agente-estrutura, a articulação entre as estruturas. A

argumentação de Lawson está baseada na multiplicidade de posições e papéis dos agentes sociais, de um lado, e no reconhecimento do caráter relacional das estruturas e seu impacto sobre o dinamismo da realidade social, de outro lado. O reconhecimento do caráter relacional das estruturas é central para o Realismo Crítico pois sua visão de realidade está baseada na existência de forças e tendências de estruturas na dimensão real que, por sua vez, se combinam com outras forças estruturais na dimensão realizado. Forças estruturais, no exemplo clássico da folha, como a gravidade, são incondicionais e transfactuais, pois existem e atuam independentemente de sua realização ou não. Como vimos, tendências podem encontrar com contra-tendências e, com isto, reduzir a efetividade de sua força sempre presente. Portanto, a articulação das estruturas e sua combinação contingente são centrais para o Realismo Crítico.

A argumentação de Lawson para apoiar este reconhecimento tem fracos alicerces pois está baseado simplesmente na multiplicidade de papéis e posições. Como agentes sociais, os indivíduos tem várias posições, obrigações, deveres e interesses. Por exemplo, têm posições dentro do núcleo familiar, na profissão, nos contratos mercantis, nas preferências das atividades sociais de lazer e, portanto, ainda no mesmo exemplo, são e estão na posição de pai ou filho, como professor ou aluno, médico ou paciente, comprador ou comerciante, locador ou locatário, morador ou transeunte, espectador ou produtor de espetáculos. Estes agentes sociais em suas posições e papéis diferenciados lidam com estruturas diversas que, por serem pré-existentes aos indivíduos, tem suas regras que condicionam, facilitam ou dificultam determinadas ações dos indivíduos e direcionam a ação das estruturas, sempre como resultante da relação agente-estrutura. Dado as múltiplas posições e cada uma supostamente em relação com estruturas e regras diferentes, há múltiplas estratégias individuais perante as estruturas e, com isto, na combinação das forças estruturais pode haver tendências que atuam paralelamente ou combinações que se reforçam mutuamente e determinam uma dada trajetória ou ainda o encontro de tendências e contra-tendências que se enfraquecem ou se neutralizam. Mais uma vez, a ontologia de sistemas abertos deve reforçar o caráter relacional das estruturas e vincular esta característica da realidade à não regularidade dos eventos. No entanto, a explicação para a existência do caráter relacional parece precisar de mais argumentos do que a explicação das múltiplas posições e papéis. Se esta explicação deve-se a ontologia ou a teorias é uma controvérsia, mas sujeita o Realismo Crítica a críticas.

Apesar de estar mais no campo ontológico do que teórico e analítico-histórico e, portanto, mais preocupado em abrir trajetórias que caracterizam sistemas abertos, há poucas e insuficientes referências no Realismo Crítico para explicar a articulação entre estruturas. O aumento, diminuição ou neutralização de tendências pode depender também da hierarquia entre as estruturas, pois o sistema social não se caracteriza pela igualdade das forças estruturais. Como colocado acima, o Realismo Crítico tal qual como inicialmente formulado reconhece a articulação entre estruturas e, como tem pretensões de apoiar as teorias sociais, deve reconhecer também que uma dada realidade social tem um hierarquia de estruturas, ainda que temporariamente rígida, que influencia resultados no embate de forças entre estruturas sociais. Por exemplo, a luta de classes é uma ação permanente sobre várias estruturas, principalmente as estruturas políticas. Certamente, os indivíduos têm várias posições além da sua posição perante a produção e, por isso, suas ações são mais amplas do que sua posição de proletário ou burguês. Outras identidades também formam o indivíduo e há uma disputa hegemônica na organização destas múltiplas identidades, mas isto não significa um indivíduo incoerente frente seus interesses e identidades. A resposta parece estar mais na permeabilidade ou resistência a determinadas ações pelas estruturas existentes e no embate de tendências entre as estruturas, o que é influenciado pela hierarquia entre elas, que também é pré-existente às ações<sup>12</sup>. Isto parece que está em aberto no Realismo Crítico, pois há um zona cinzenta entre teoria ontológica da realidade social, que é a pretensão de Lawson na formulação do Realismo Crítico, e as teorias sobre aspectos da realidade social, que são as teorias

---

<sup>12</sup> Esta crítica baseia-se em Jessop (2005).

tradicionais. Os *insights* para a flexibilidade das relações estruturais deve vir de onde? Não está claro no Realismo Crítico.

Ao chamar atenção para a ontologia das teorias sociais, o Realismo Crítico tem uma ambição muito maior do que examinar a visão de mundo que está, seja explícita ou implicitamente, nas teorias. Por isto que foi afirmado que o Realismo Crítico é mais prescritivo do que meramente descritivo do realismo científico. A pretensão é de formulação de uma teoria ontológica que, baseada na filosofia do Realismo Transcendente, apresente referências sobre a natureza do mundo social que orientarão as teorias sociais. Neste sentido, a defesa da realidade social como um sistema aberto e estruturado em várias dimensões é uma orientação do Realismo Crítico para as teorias. Como vimos acima, outras referências também fazem parte das recomendações do Realismo Crítico. De forma resumida, podemos destacar os seguintes pontos: (i) realidade estruturada. (ii) causalidade emergente; (iii) ação dos agentes em estruturas pré-existentes; (iv) relação agente-estrutura; (v) liberdade de ação, multiplicidade de escolhas e de alternativas possíveis na relação agente-estrutura; (vi) possibilidade de reprodução e transformação da realidade pela relação agente-estrutura. (vii) o caráter relacional das estruturas e (viii) resultados contingentes. Por ser uma teoria realista, como defende Lawson, a ontologia prescritiva está em nível elevado de abstração, deixando para as teorias e análises a explicação da realidade em nível mais concreto. A questão que ora nos interessa é se o Realismo Crítico pode dar uma uniformidade às teorias classificadas como heterodoxas.

#### **IV- Uma referência para a heterodoxia:**

A dicotomia ortodoxia e heterodoxia como forma de separar, a grosso modo, teorias econômicas tanto revela quanto encobre distinções, tanto esclarece diferenças quanto oculta caminhos perseguidos pelos teóricos e suas proposições. Como colocado anteriormente, deve-se ter uma referência melhor para a heterodoxia do que a definição semântica de oposição permanente à ortodoxia. Dado que nas teorias econômicas esta separação é tão forte, o que pode distinguir esta oposição e classificar teorias? Para este ensaio, a questão é se o Realismo Crítico com sua reorientação para ontologia pode dar novas referências a esta classificação. Lawson (2006) defende a tese que a ontologia do Realismo Crítico é uma referência para distinguir as correntes teóricas, isto porque as diferenças metodológicas devem-se a concepções ontológicas distintas, ainda que normalmente não explicitadas. De forma adiantada, a ortodoxia baseia-se em uma ontologia de sistemas fechados e a heterodoxia em sistemas abertos.

Posto isto, cabe identificar mais especificamente a combinação ontologia e metodologia que pode vir a caracterizar ortodoxia e heterodoxia. Como vimos, a ampliação do objeto de estudo da ortodoxia ultrapassou várias barreiras de delimitação de unidade de análise típica de uma dada corrente. Portanto, não é a preferência pelo objeto de estudo que pode distinguir as grandes correntes. O exemplo da macroeconomia e microeconomia são recorrentes pois podemos identificar tanto teorias ortodoxas e heterodoxas nestes campos. Claramente, as diferenças estão em abordar o mesmo objeto de estudo de forma diferente. Por isto a ciência econômica se desenvolve a partir de várias teorias, cuja discordância de diagnóstico, explicação, orientação para análise e recomendação de políticas refere-se ao mesmo objeto de estudo (Collander et al. 2004). No desenvolvimento teórico com paradigmas concorrentes, ao invés de substitutos, faz sentido classificar teorias entre ortodoxas e heterodoxas. Da mesma forma, faz sentido aprofundar o questionamento sobre uma possível e precisa distinção entre elas.

Uma tentativa de identificar um elemento comum à ortodoxia se faz necessário. A expansão da ortodoxia econômica levou a adicionar não só novos objetos de estudos mas também novos elementos, sejam axiomas e métodos, além dos tradicionais da escola neoclássica. Entre as referências metodológicas básicas da escola neoclássica que ainda permanecem nas teorias contemporâneas, pode-se seguir Hahn (apud. Lawson 2006, p. 487) que identificou os seguintes elementos: (i) decisões individuais; (ii) axioma de racionalidade dos indivíduos em suas decisões e

(iii) uma preocupação em estudar o equilíbrio do sistema econômico. Apesar de ser um esforço globalizante, estes elementos da tradição neoclássica podem não estar presente ou não ser preocupação em teorias que estão bem acomodadas na tradição ortodoxa.

Seguindo a crítica de Collander et al. (2004) estes axiomas são referências iniciais para o desenvolvimento de teorias a partir dos neoclássicos. Mas, a própria ampliação do objeto de estudo e a adição de novos métodos deslocou alguns elementos neoclássicos e adicionou outros. Portanto, vincular a ortodoxia contemporânea a sua matriz neoclássica pode trazer poucos frutos e não perceber a evolução e ampliação das teorias que são identificadas como ortodoxas. A referência neoclássica é insuficiente para caracterizar a própria ortodoxia contemporânea. Não é, portanto, sem espanto que os autores clássicos da escola neoclássica não são leitura, nem referencial para a dinâmica da produção ortodoxa.

Muito mais fácil do que procurar a matriz neoclássica é reconhecer a preferência pela formalização em modelos e pela linguagem matemática nos artigos dos periódicos de divulgação e afirmação da ortodoxia. A hipótese de Lawson (1997, cap.8; 2003, cap.1 e 2006), que seguimos, é que a ortodoxia contemporânea se caracteriza principalmente pela adoção de modelos formalístico matemático-dedutivos. É possível criticar este método? Por si só não, pois a linguagem matemática e a dedução fazem parte da lógica e são adotados por várias ciências. A questão do método é sua adequação ao objeto de estudo, ou melhor, a discussão da adequação do método deve vir acompanhada da ontologia do objeto de estudo, isto é, da visão de mundo em que o objeto de estudo está inserido. Por isso que se pode afirmar que toda teoria, com seu método, tem uma ontologia. Muito mais do que ficar restrito a questões epistemológicas e metodológicas e considerar irrelevante o realismo dos pressupostos, deve-se verificar, primeiro, a relação ontologia e método embutido nas teorias e, segundo, a adequação da ontologia adotada à realidade ou às teorias sobre a realidade social. Aceito a afirmação de que todo o modelo é uma simplificação da realidade, pode-se adicionar a questão sobre qual concepção de realidade o modelo procura simplificar. Por isso que modelos e teorias não estão desligados de uma ontologia, apesar de normalmente não explicitá-las além da enumeração de pressupostos e axiomas. Neste caso, o Realismo Crítico é uma referência para a discussão (Moura & Martins, 2008) .

A crítica filosófica do Realismo Transcendente aos sistemas fechados e ao dedutivismo pode ser aplicada à ortodoxia econômica. Mas, um refinamento é necessário frente a especificidade desta ortodoxia. Os modelos matemático-dedutivos são tentativas de explicação das regularidades supostamente identificadas na economia. A partir de identificação de regularidades e correlação entre variáveis, há a busca de estabelecer causalidades e de indicar variáveis independentes (que seriam as causas), variáveis dependentes (que seriam resultados) em modelos explicativos que estabelecem as relações não só de causalidade mas de proporcionalidade entre as variáveis (Lawson, 2003, cap.1). Dado a premissa de regularidade das variáveis e a hipótese dedutivas sobre sua causalidade, o modelo matemático formaliza as relações estáveis em funções matemáticas. O teste econométrico da teoria falsificaria ou não as hipóteses dedutivas e estima a proporcionalidade da relação esperada.<sup>13</sup> Os elementos, em que não são identificados regularidades com as demais variáveis, são considerados, pelo modelo, como variáveis exógenas, e espera-se que tenham um padrão de comportamento constante para não afetar a relação entre as variáveis do modelo.

O modelo matemático-dedutivo por si mesmo não pode ser criticado. A possibilidade de crítica está na vinculação entre o método e os pressupostos ontológicos, em primeiro passo, e sua comparação com outras ontologias e com a realidade, em segundo passo. Assim, a crítica deve ser reorientada para questões ontológicas do que puramente metodológicas. A questão é se o método formalístico dedutivo é adequado para qual ontologia da realidade social. Como vimos, o método dedutivo é adequado para uma realidade onde encontra-se a regularidade de eventos e para uma ontologia de sistemas fechados. Por exemplo, não se pode criticar por si só o individualismo metodológico e o axioma de racionalidade individual normalmente adotados por teorias ortodoxas.

---

<sup>13</sup> Sobre os problemas de regularidade estocástica suposta nos testes econométricos, ver Lawson (1997, cap.7).



As decisões individuais de otimização feitas pelos agentes racionais resultam em um dado resultado ótimo em um contexto que define previamente as variáveis e seu comportamento. O atomismo e o isolamento de variáveis são condições para o fechamento do modelo e para identificar correlações e formular hipóteses de causalidade, a partir de deduções, frente a regularidade dos eventos. Questionar a racionalidade dos agentes econômicas parece implicar em questionar a própria lógica e, por isto, não vale a pena arriscar. A questão, mais uma vez, não está na racionalidade ou não da decisão, mas no contexto em que a decisão é tomada. Dado que sabe-se previamente por dedução que se houver a decisão por "X", o resultado será "Y" e se "Y" é uma situação desejada ou ótima, a decisão por "X" é racional. A racionalidade individual pressuposta nos método dedutivo-causal mantém as regularidades previamente conhecidas. O axioma de racionalidade, por si só inquestionável, está acompanhado de outras condições, qual seja o atomismo e o isolacionismo. Considera-se que sob determinadas condições constantes e isoladas de influências disruptivas, o individuo se comportará tal qual as propriedades regulares do átomo.

A hipótese de racionalidade dos agentes pode persistir em outros modelos, mas a nova questão é se a decisão será sempre regular frente a mudança de contextos ou em situações onde não se pode garantir um padrão regular no passado ou não se pode fazer previsões sobre se o futuro reproduz padrões passados. Qual decisão racional em um contexto sem afirmação de regularidade e previsões (Rotheim, 1999)<sup>14</sup>. Deve ser aceito que a racionalidade dos agentes não garante *per si* uma regularidade, esta requer as condições de atomismo e isolacionismo. Assim, a relevância da discussão se desloca do axioma de racionalidade para o contexto onde as decisões são tomadas, desloca-se, portanto, para o realismo adotado pelas teorias. Por isto, a crítica orienta-se para a ontologia.

Pode-se afirmar que o método formalístico-dedutivo é adequado para ontologias de sistemas fechados. Caso o objeto de estudo apresenta características e comportamentos regulares e identifica-se regularidades nas relações entre as variáveis, o método formalístico dedutivo e a linguagem matemática podem ser adotados. Este parece ser o caso da Física, onde a matemática é de aceitação geral. Mas, como vimos na seção sobre realismo, o conhecimento e a ciência são possíveis desde que encaramos a realidade como inteligível, apresentando ou não regularidade. A realidade social se caracteriza pela raridade na repetição de eventos, por isso resultados contingentes são um objeto de estudo mais relevante do que possíveis regularidades. Neste sentido, pode-se afirmar que a ontologia de sistemas fechados não é um bom referencial para estudar a realidade social.

A oposição ortodoxia e heterodoxia pode ter uma nova referência. Pode-se fazer a hipótese de que as teorias ortodoxas se caracterizam pela adoção, explícita e vigorosamente defendida, do método dedutivo em modelos matematicamente formalizados e sua combinação, ainda que implícita e não estudada, com ontologias de sistemas fechados. Na mesma hipótese pode-se também dizer que a heterodoxia pode se reafirmar não somente pela pluralidade de métodos e de objetos de estudo, mas sobretudo pela sua combinação com uma ontologia de sistemas abertos. O Realismo Crítico como uma teoria da ontologia da realidade social pode ser uma referência para a caracterização da natureza de sistemas abertos e ser uma referência para as teorias heterodoxas.

Cabe também identificar possíveis elementos comuns a heterodoxia na teoria econômica. A heterodoxia não se resume a uma corrente de teorias homogêneas, muito pelo contrário. É difícil ou mesmo infrutífero encontrar uma matriz geradora. Heterodoxia é, assim, um termo guarda-chuva para reunir correntes marxistas, institucionalistas, keynesianas, neo-ricardianos, neo-schumpeterianos e correntes mais recentes como feminismo e economia ecológica.<sup>15</sup> A oposição com a ortodoxia foi sempre uma motivação para o desenvolvimento destas várias

---

<sup>14</sup> As decisões sob incerteza e não-ergodicidade serão desenvolvidos em outro artigo. Sobre o assunto ver Rotheim (1999), Dunn (2000);

<sup>15</sup> Lawson (2003) analisa três escolas heterodoxas nesta perspectiva, pós-keynesianos (cap.7), institucionalistas (cap.8) e feminismo (cap.9).

teorias, mas também motivo de confusão. Em primeiro lugar, ao se identificar com objetos de estudos diferentes dos típicos da ortodoxia neoclássica, parecia que a oposição era por investigar fenômenos não caros ao *status quo*, que já eram abordados pelas teorias neoclássicas. Por isto, ainda persiste o viés ideológico de que heterodoxia é crítica ao sistema econômico, enquanto ortodoxia seria a elaboração de teorias de resultados ótimos alcançados pelo mercado e, portanto, apologética ao livre funcionamento de mercado. Esta classificação ideológica está em uma seara pré-científica e de rigidez moral, restringindo a ortodoxia de fazer críticas à organização econômica e às políticas econômicas. Erroneamente, a heterodoxia ficaria com o monopólio da crítica e contestação ao *status quo*. Além de ingênua, esta visão é reducionista. A busca por uma referência uniforme frente a heterogeneidade das teorias heterodoxas deve estar em outro lugar além do ideológico.

Em segundo lugar, a classificação por objeto de estudo não abordado pela teoria neoclássica inicial perdeu seu sentido de distinção das escolas quando a ortodoxia se despreendeu de seu objeto inicial e de sua matriz neoclássica e se expandiu, como vimos, para novas áreas inicialmente abordadas pela heterodoxia. O exemplo clássico pode ser a macroeconomia que fundada por Keynes não garantiu nenhum direito de exclusividade e abriu caminho para a síntese neoclássica-keynesiana, para os monetaristas, novo-clássicos e neo-keynesianos. Portanto, o objeto de estudo pode distinguir e classificar teorias como macroeconomia e microeconomia, assim como pode distinguir Economia, Sociologia e Ciência Política, mas é incapaz de permitir uma referência que distinga as abordagens de um mesmo objeto.

Por fim, a proposição de Lawson (2006) permite que a classificação tenha como ponto de partida a ontologia das teorias. Como vimos, o Realismo Crítico propõe muito mais do que uma reorientação para a ontologia na análise das teorias. O Realismo Crítico é uma teoria da ontologia da realidade social, com a preocupação de aplicar a filosofia do Realismo Transcendente para a análise da realidade social e ser referência para as teorias que lidam com os fenômenos sociais. Posto isto, temos no Realismo Crítico uma defesa da abordagem da realidade social como um sistema estruturado em várias dimensões, baseado na relação agente-estrutura, nas relações entre as estruturas, na combinação de tendências e em resultados contingentes. As teorias que se propõem a estudar seu objeto de estudo dentro desta visão de mundo podem ser classificadas pela ontologia de sistemas abertos.

A persistente oposição entre ortodoxia e heterodoxia pode ser, assim, identificada por um referencial mais seguro. A ortodoxia se desenvolve não apenas pela ampliação de seu objeto de estudo e pela inclusão de mais variáveis em seus modelos, mas também pela manutenção, aprofundamento e sofisticação de seus modelos formalísticos com linguagem matemática e método dedutivo para explicar causas frente a regularidade de fenômenos. A ortodoxia se caracteriza pela vinculação do método dedutivo a ontologia de sistemas fechados. Por outro lado, a heterodoxia também se desenvolve e se diferencia em vários projetos teóricos, mas pode ter uma unidade na ontologia de sistemas abertos. O Realismo Crítico é apenas uma teoria sobre a ontologia da realidade social que, como vimos, não só caracteriza a realidade como um sistema aberto mas também busca identificar e explicar suas principais relações. Neste sentido, o Realismo Crítico pode ser uma boa referência para as teorias classificadas como heterodoxas, isto é, pela classificação proposta, como teorias sobre objetos de estudo em uma ontologia de sistema aberto.

As diferenças entre as teorias que buscam tratar a realidade social como um sistema aberto são de escolha de objeto de estudo, possivelmente com concentração em uma dada relação agente e estrutura social ou em combinação de estruturas. A partir do reconhecimento de uma mesma realidade social, sendo esta tratada com uma mesma ontologia, as teorias heterodoxas se diferenciam pelas questões colocadas sobre esta realidade, havendo escolhas diferentes e interesses diferentes sobre aspectos substantivos de uma mesma visão de realidade. Desta forma, o caráter disciplinar e segmentado das teorias deve-se a uma divisão da totalidade por reconhecimento tanto dos limites do conhecimento quanto da dificuldade em lidar inteligentemente

com a dimensão de um objeto holístico, aberto e sujeito a múltiplas determinações como a realidade social. Mas o caráter disciplinar das teorias não implica em transformação da realidade em somatório de sistemas fechados. Ao se classificar a heterodoxia econômica desta forma, pode-se aproximar as teorias econômicas das demais abordagens em outros campos do estudo da realidade social, como Sociologia, História, Ciência Política e outras áreas das Ciências Sociais. Neste sentido, pode-se entender porque a heterodoxia tem um diálogo mais profícuo com outras áreas das ciências sociais do que com a ortodoxia.

#### **IV- Conclusão e implicações:**

O Realismo Crítico pode reafirmar as teorias heterodoxas e dar novo significado à oposição perante a ortodoxia, dado a relevância desta dicotomia na teoria econômica. Por defender uma ontologia de sistemas abertos, o Realismo Crítico permite romper com a persistência da crença de que o modelo formalístico matemático-dedutivo dá um caráter científico e possibilidade de previsões mais seguras às teorias econômicas. De fato, tal método é adequado para ontologias de sistemas fechados. O Realismo Crítico se opõe a esta ontologia por (i) empiricamente verificar que a regularidade de eventos é rara; (ii) ontologicamente os sistemas fechados estão baseados em um realismo empirista; (iii) há alternativas ao realismo empirista, como no caso do Realismo Transcendente; (iv) fatos, fenômenos e eventos devem ser encarados como resultados contingentes, e não precisam mais de padrões de comportamento regulares para sua inteligibilidade.

Ao buscar elementos na filosofia do Realismo Transcendente, o Realismo Crítico pode defender uma ontologia de sistemas abertos, indicar a centralidade para as ciências sociais da relação agente-estrutura na transformação do potencial das forças estruturais em tendências, preocupar-se com a flexível entre as estruturas e a reafirmar a contingência dos resultados.

Pode-se citar, pois não cabe mais delongas, ainda que interessantes, implicações para a heterodoxia das teorias econômicas: (i) a linguagem não matemática de teorias e modelos heterodoxos não deve ser encarada como uma falta de rigor científico, mas a utilização de outras linguagens, o que não exclui a matemática quando apropriada, deve-se mais a rejeição do método dedutivo pela sua inadequação a ontologia de sistemas abertos; (ii) as teorias devem ser indicadoras de tendências mas não de determinações; (iii) as teorias devem contribuir para explicar a variação da potência e direção das tendências advindas das estruturas sociais e da relação entre agente-estrutura; (iv) as teorias devem contribuir para explicar a articulação das estruturas e combinações de suas tendências, ainda que de forma não determinística; (iv) as teorias devem cumprir seu papel de ser a base e orientação das análises que, estas sim, devem explicar o porquê, frente as alternativas abertas, ocorreu um dado e específico resultado.

#### **Referências bibliográficas:**

- Backhouse, Roger (1994) "Introduction: new directions in economic methodology". In: Backhouse, Roger E. (ed.) *New Directions in economic methodology*. London and New York: Routledge, p.1-24.
- Bhaskar, Roy ([1978] 2008) *A Realist Theory of Science*. Oxon, U.K.: Routledge.
- Bhaskar, Roy ([1979] 1998) *The Possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary human sciences*. London: Routledge.
- Bigo, Vicario (2006) "Open and Closed Systems and the Cambridge School". *Review of Social Economy*, vol. 64, no. 4, December, p. 493-514.
- Chick, Victoria (2004) "On open systems". *Revista de Economia Política*, 24 (1): 3-16.
- Colander, D., Holt, R. P. and Rosser, J. B. Jr (2004) "The changing face of mainstream economics". *Review of Political Economy*, vol. 16, no. 4, p. 485-500.

- Duayer, Mario; Medeiros, João Leonardo; Painscera, Juan Pablo (2001) “A miséria do instrumentalismo na tradição neoclássica”. *Estudos Econômicos*, vol.31, no.4, , out-dez. p.723-783.
- Dunn, Stephen (2000) “Wither Post Keynesianism?”. *Journal of Post Keynesian Economics*, vol. 22 no3, p.343-64.
- Dunn (2004) “Transforming Post Keynesian economics: critical realism and the Post Keynesian project”. In: Lewis, Paul (ed.) (2004).
- Fleetwood, Steve (2002) “Boylan and O’Gorman’s causal holism: a critical realist evaluation. *Cambridge Journal of Economics* , 26(1):27-45.
- Friedman, Milton (1953) *Essays in Positive Economics*. Chicago: University Chicago Press.
- Hands, D. Wade (2004) “Transforming methodology: critical realism and recent economic methodology”. In Lewis, Paul. (ed.) (2004) *Transforming Economics: perspectives on the critical realist project*. Oxon, UK: Routledge (versão e-book).
- Hodge, Duncan (2008) “Economics, realism and reality: a comparison of Mäki and Lawson”. *Cambridge Journal of Economics*, 32, p. 163–202, doi:10.1093/cje/bem041, advance access publication 20 November, 2007.
- Jessop, Bob (1982) *The Capitalist State: marxist theories and method*. Oxford: Basil Blackwell.
- Jessop, Bob (2005) “Critical Realism and the Strategic-Relational Approach’. *New Formations*, n.56, p. 40-53.
- Lawson, Tony (1994a) “A realist theory for Economics”. In: Backhouse, Roger E. (ed.) *New Directions in economic methodology*. London and New York: Routledge, p.257-285.
- Lawson, Tony (1994b) “The nature of Post Keynesianism and its limits to other traditions: a realist perspective”. *Journal of Post Keynesian Economics*, summer, vol.16, n.4, p.503-538.
- Lawson, Tony (1995) “A Realist Perspective on Contemporary Economic Theory”. *Journal of Economic Issues* , v29, p1-32, March.
- Lawson, Tony (1997) *Economics and Reality*. London, Routledge (versão e-book).
- Lawson, Tony (1998) “Clarifying and Developing the *Economics and Reality* Project: Closed and Open Systems, Deductivism, Prediction, and Teaching”. *Review of Social Economy*, vol.56, n. 3, Fall.
- Lawson, Tony (2001) “Two Responses to the Failings of Modern Economics: the Instrumentalist and the Realist”. *Review of Population and Social Policy*, n. 10, p. 155–181
- Lawson, Tony (2003a) *Reorienting Economics*. London: Routledge.
- Lawson, Tony (2003b) “Theorizing ontology”. *Feminist Economics*, 9(1):161 – 169.
- Lawson, Tony (2004) “A Conception of Ontology”. Cambridge University, Cambridge Social Ontology Group website, disponível em <http://www.csog.group.cam.ac.uk/index.htm>, acesso em 15 mar. 2009.
- Lawson, Tony (2006) “The nature of heterodox economics”. *Cambridge Journal of Economics*, , 30, 483–505; doi:10.1093/cje/bei093.
- Lawson, Tony (2008) “Social Explanation and Popper. In: Boylan, Tom; O’Gorman (eds.) *Popper and Economic Methodology: contemporary challenges*. London; New York : Routledge (disponível em <http://www.econ.cam.ac.uk/faculty/lawson/downloads.htm>, acesso em 15 mar. 2009)
- Lewis, Paul (2003) Recent developments in economic methodology: the rhetorical and ontological turns. *Foundations of Science* 8: 51–68, 2003.
- Lewis, Paul (ed.) (2004) *Transforming Economics: perspectives on the critical realist project*. Oxon, UK: Routledge (versão e-book).
- Mäki,Uskali (1994) “Reorienting the assumptions issue”. In: Backhouse, Roger E. (ed.) *New Directions in economic methodology*. London and New York: Routledge, p.236-256.
- Mäki, Uskali (2000) “Reclaiming relevant realism”. *Journal of Economic Methodology*, vol. 7, 109–25.

- Mäki, Uskali (2002) “Some nonreasons for nonrealism about economics”. In: Mäki, Uskali (ed.) *Fact and Fiction in Economics: Models, Realism and Social Construction*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 90–104.
- McCloskey, D.N. (1983) “The rethoric of economics”. *Journal of Economic Literature*, 21 (2): 481-517.
- McCloskey, D.N. (1985) *The Rhetoric of Economics*. Madison: University of Wisconsin Press.
- McCloskey, D. N. (1994) *Knowledge and persuasion in economics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCloskey, D. N. (1996) “A retórica da Economia”. In: Rego, José Márcio (org.) , p. 47-80.
- Moura, Mario Graça; Martins, Nuno (2008) “On some criticisms of critical realism in economics”. *Cambridge Journal of Economics*, 32, p. 203–218 p.204
- Rego, José Márcio (org.) (1996) *Retórica na Economia*. São Paulo: Editora 34.
- Rotheim, Roy (1999) “Post Keynesian economics and realist philosophy”. *Journal of Post Keynesian Economics* , vol. 22, no.1, p. 71-103, Fall.
- Snowdon, Brian; Vane, Howard; Wynarczyk, Peter (1994) *A modern guide to Macroeconomics*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.
- Vasconcelos, Marcos Roberto; Strachman, Eduardo; Fucidji, José Ricardo (1999) “O Realismo Crítico e as controvérsias metodológicas contemporâneas em Economia”. *Estudos Econômicos*, v.29, n.3p.415-445, julho-setembro.

# **TEXTO PARA DISCUSSÃO**

*Nº 01/09 - ARIENTI, Wagner Leal. Introdução ao Realismo Crítico e sua contribuição para a reafirmação da heterodoxia na teoria econômica.*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
Campus Universitário – Trindade  
CEP 88.049-970 – Florianópolis - Santa Catarina  
Tel.: (48) 3721.9458 – Fax (48) 3721.9776  
<http://www.cse.ufsc.br/gecon>**